

#107 Avaliação da Fluorescência de cinco resinas impressas em comparação com o dente natural



Mariana Boim Morgado*, Margarida Chambel Correia, Fábio Lourenço, Inês Vieira Duarte, Diogo Cabecinha Viegas, João Tiago Mourão

Faculdade de Medicina Dentária da Universidade de Lisboa

Objetivos: Avaliar a fluorescência de cinco tipos de resinas híbridas impressas, comparando-as com a fluorescência do dente natural. **Métodos:** Foram produzidas 200 amostras de resinas híbridas, divididas em cinco grupos de 40 amostras, de acordo com as seguintes marcas: Freeprint Crown, Saremco Print Crowntec, VarseoSmile TriniQ, VarseoSmile Crown Plus e V- Print CB Temp, com recurso a uma impressora 3D da marca Asiga (Max UV). Após a impressão, as amostras foram lavadas, fotopolimerizadas e polidas. As amostras preparadas foram fotografadas com auxílio de um filtro de fluorescência e os valores de L^*a^*b foram registados no software Adobe Photoshop Lightroom. Após a determinação dos valores de L^*a^*b do dente natural selecionado e de todas as amostras, foi calculado o Delta E para cada amostra em relação ao dente natural. A análise dos dados foi realizada com o auxílio do software SPSS e os resultados foram comparados através de testes paramétricos. **Resultados:** Foram observadas diferenças significativas nos valores de Delta E de todas as resinas, exceto entre os grupos Freeprint Crown e VarseoSmile Crown Plus. Em relação ao dente natural, a resina Freeprint Crown apresentou o menor valor de Delta E, seguida por VarseoSmile Crown Plus, VarseoSmile TriniQ, V- Print CB Temp e por último Saremco Print Crowntec. **Conclusões:** As resinas Freeprint Crown e VarseoSmile Crown Plus apresentaram os menores valores de Delta E, aproximando-se mais da fluorescência natural do dente. Esta propriedade favorece significativamente o seu desempenho estético enquanto material restaurador.

<http://doi.org/10.24873/j.rpemd.2024.12.1331>

#108 Padrões de cuidados de higiene oral em pacientes internados – Domicílio vs internamento



Cláudia Maria Costa Martins*, Maria de Lurdes Lobo Pereira

Faculdade de Medicina Dentária da Universidade de Porto, EPIUnit – Unidade de Investigação em Epidemiologia, Instituto de Saúde Pública da UP

Objetivos: Os pacientes internados sentem-se, de um modo geral, vulneráveis e focados no seu processo de doença. Alguns pacientes, nomeadamente na faixa etária idosa, não possuem hábitos de higiene oral no domicílio. Todavia, com o internamento, há uma negligência dos cuidados orais colocando em risco a saúde geral dos próprios. Isto pode também ser potenciado pela perda de autonomia. Este estudo teve como objetivo conhecer e comparar os hábitos de higiene oral dos pacientes no domicílio e durante o internamento. **Métodos:** Foi realizada uma entrevista estruturada numa unidade de internamento de um hospital público onde, para além dos dados sociodemográficos, pretendeu-se caracterizar os hábitos de higiene oral, comparando-os com os praticados durante o internamento. Foram incluídos pacientes com idades superiores a 25 anos que se encontravam auto e alo-psiquicamente orientados, e que, de forma consentida, manifestaram interesse em participar neste estudo. Utilizou-se o teste de McNemar para comparação de comportamentos antes e durante o internamento. Foi utilizado um nível de significância de 0,05. **Resultados:** Obteve-se um total de 45 participantes. A maioria do sexo masculino e com média de idades de $71,2 \pm 11,78$ anos, tendo o mais novo 47 anos e o mais velho 99 anos. A frequência adequada da higiene oral, no domicílio, é realizada por 48,9% dos participantes, mas no internamento, é de 17,7%. A escovagem no período noturno, durante o internamento é negligenciada, sendo realizada por 21,6%. No domicílio, o fio dentário somente é utilizado diariamente por 4,4%; no internamento, ninguém referiu. Quanto à auto-perceção geral de saúde oral, 48,9% dos participantes avaliaram a capacidade mastigatória como regular a má. Contudo, 64,4% e 66,6% avaliaram como muito boa a boa a capacidade em falar e a saúde geral da cavidade oral, respetivamente. **Conclusões:** Conclui-se que, na generalidade, a higiene oral é inadequada e desvalorizada no dia-a-dia dos pacientes com idade avançada apesar de a maioria perceber a sua saúde oral como boa. Quando internados, os seus cuidados orais pioram. Assim, os internamentos hospitalares devem ser aproveitados pelos profissionais de saúde para desenvolver programas de educação para a saúde, de forma a criar hábitos saudáveis nos pacientes. Como a saúde oral não pode ser exceção, é essencial dotar profissionais de saúde qualificados para identificar, instruir e treinar sobre os cuidados orais junto dos pacientes internados.

<http://doi.org/10.24873/j.rpemd.2024.12.1332>